

picote

Aparadores, Nino Cais
Foto: Marcelo Amorim

[FERNANDO MARQUES PENTEADO]

É artista visual, pós-graduado em Educação pelo Institut für Waldorf Padagogic de Witten na Alemanha e mestre em Artes Visuais/Têxteis pelo Goldsmiths College em Londres. Desenvolve produtos têxteis para o mercado da vestimenta e da decoração. Colabora com educação na graduação e pós-graduação em artes, têxteis e moda em universidades na Inglaterra, Irlanda e em São Paulo.
E-mail: ferpen@macbbs.com.br

biotessitura

Vou falar de têxteis hoje através do meu projeto de curadoria que, no momento em que esta publicação estiver sendo lida, estará disponível para a visitação... e um leitor mais aventureiro ainda terá o tempo de lá chegar e emergir nesta minha seleção e na programação do evento como um todo. O projeto é a Textile 07, uma bienal têxtil em Kaunas, na Lituânia, que abriu suas portas em 30 de novembro de 2007 e que segue até março de 2008.

O histórico que me levou a participar do Textile 07 é mais ou menos este: fui selecionado por uma curadora e artista finlandesa, Silja Puranen, para integrar uma representação europeia (visto naquele momento como português, minha outra nacionalidade) na Textile 05, que se deu em outubro de 2005. Durante o evento, fui convidado para integrar um painel de artistas que falaram para estudantes de arte e de têxteis e, durante minha apresentação, tanto a platéia quanto a curadora do evento perceberam que aquele português tinha sim um efetivo laço e um histórico com o Brasil. E daí veio o convite da curadora geral, Vita Geluniene, para que eu criasse uma representação brasileira de artistas têxteis para esta Textile 07.

Antes de perambular pelo projeto quero problematizar dois pontos de partida que esta minha atividade engendrou.

O primeiro é o recorte do projeto como um todo, a "arte têxtil", que no meu entender sufoca as linguagens do artista, indivíduo muitas vezes treinado em diferentes técnicas para "fazer ver" sua cosmovisão:

a plataforma têxtil pode sim dar ao artista espaço de experiência naquela temporada, mas corre também o risco de ser desmobilizada em obras futuras, onde outras técnicas tomarão precedência. Posso bem entender, contextualizar e ver como é importante uma bienal com este recorte "arte têxtil": na Lituânia. Este país treina alunos na arte em técnicas têxteis e é também nação herdeira de técnicas monumentais de tecelagem (tapeçaria Gobelins, por exemplo). Essa afinidade, imagino, deve desembocar em fazer ver o recorte "arte têxtil" como devido e apropriado para os curadores gerais da bienal. Junto com Polônia, Letônia, China, Hungria, Itália e os Estados Unidos, a Lituânia é um país que tem a tradição de promover mostras de artistas que investem em construções têxteis, mas, mesmo assim, meu ponto-ênclave está aqui feito para vocês: creio que a polivalência do artista deve ser entendida como soberana, na qual não existe uma plataforma de expressão que poder-se-ia tomar como sendo a única ou a exclusiva manifestação deste ou daquele autor.

O segundo ponto que quero problematizar é a figura do curador. Este é um agente cultural que apareceu no cenário da arte, não faz muito tempo, vindo dos porões dos museus e de seus arquivos. Hoje, enquanto arte de visibilidade é majoritariamente institucionalizada, esse agente toma vulto e se especializa em suas funções, que vão do conceito de um evento a seu gerenciamento. Mas o que ocorre hoje com frequência é também este meu "caso", o momento em que o artista é convocado a fazer o papel de curador e... lhes pergunto... como compor um grupo de artistas a ser apresentado em uma mostra sem excluir bons trabalhos? Assim vivi as delícias de criar um panorama de idéias que julgo pertinentes a serem debatidas, mas... logo padeci os empecilhos que se seguem: com os artistas individualmente, com os seus galeristas e suas práticas normativas e, por último, com a inibição dos orçamentos para transportes e seguros de obras. Mesmo depois de ver meu primeiro desenho de exposição totalmente inviabilizado por questões de orçamento, comecei a apostar no viável, no acidental e no maroto para que o projeto, sim, tomasse corpo e... esta é a história que segue.

Estive fiel, durante todos os meses de elaboração da seleção de artistas, a um texto que tive de produzir, no início do projeto, de nome *sheer and shallow*, que traduzido livremente lê-se *puro e superficial*. O que desejei colocar agrupados para esta bienal eram trabalhos que evidenciassem que, em um Brasil sem lastros de ensino formal em têxtil ou uma leitura histórica ou crítica sobre o tema, artistas interessados em suportes têxteis produzem seus trabalhos de uma forma pura (porque engenhosa e fresca) e de uma forma também superficial (porque sem lastro conceitual, onde ancorar qualquer possível metodologia de execução, e assim espontâneo). O eixo dos trabalhos apresentados na Textile 07 se apóia, por um lado, nas posições do artista *engagé* (treinado e pertencente ao circuito estabelecido das artes) e, por outro, no artista artesão, indivíduo prisioneiro do produto como fachada para sua expressão artística. E, em qualquer dos hemisférios que o artista selecionado se encontrasse – do *engagé* ao artesão –, dei preferência a trabalhos em que a questão da "não-autoria" se colocava e nos quais o tema e/ou a discussão evocada superasse a assinatura do autor. E assim me guiei até finalizar o projeto. Somado a isso, criei paralelamente um "núcleo histórico", que mostra vídeos que perpassam a trajetória de vida e obra de Hélio Oiticica, Arthur Bispo do Rosário, Leonilson e suas vizinhanças com os suportes têxteis. E, para apresentar os vídeos, incluí na instalação da sala de apresentação uma coleção de animais e de bonecas elaboradas na Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro, por duas internas, Hilda e Maria José, pertencentes ao colecionador e profissional das artes Gerardo Vilaseca.

Quem são então estes artistas que orquestram a "delegação brasileira" na Textile 07?

Vamos começar pelos artistas *engagé*, patronos do circuito estabelecido das artes. Jarbas Lopes é um carioca com um intenso trabalho ligado a comunidades e ao ensino das artes, além de contar com inúmeras mostras e residências nacionais e internacionais. Jarbas apresenta na Textile 07 um trabalho no qual ele franja um saco plástico que continha ração de cachorro. O título da obra *Movido pela Ração* discute a existência de mais uma cadeia de produtos para o consumidor urbano (a dos pet shops) e procura trazer à luz o quanto os proprietários de animais domésticos tornaram-se reféns de seus bichos, que não comem outra coisa senão ração, enquanto seus donos pagam as suas contas (ou melhor, pagam o pato). Jarbas sofre em ver que mesmo no interior do Rio de Janeiro, Maricá, onde vive, não há mais o cachorro que come o resto do almoço do dono ou o que sai à procura de caça. E assim o romantismo da estimação do responsável pelo animal vira dependência e, na vida prática, o indivíduo tem mais um supermercado do qual precisa se abastecer. Felipe Barbosa, outro carioca, produz elegantes superfícies bi e tridimensionais, feitas de bolas de futebol. Esse objeto de suporte, uma bola, mesmo depois de artisticamente dominado por Felipe e sua orientação concretista, não pára de enviar sinais recorrentes sobre a virulência que o mercado dos esportes tomou no cenário da comunicação visual a que estamos expostos em nosso cotidiano. Jorge Luis da Fonseca,

mineiro de Conselheiro Lafaiete, explora a potência do cafona em sua estética, segundo ele próprio. Selecionei um de seus trabalhos que, entre bordados e meias de náilon, nos instrui visual e textualmente no bom desempenho de uma seqüência erótica, tomada como metáfora da vida de um jumento na primavera. Estonteante. Nino Cais, paulistano convicto, apresenta as mais belas fotografias em que oferece seu corpo como base para toalhas de bandeja ou aventais de crochê, que sua mãe e avó produziram e que ele preserva carinhosamente como disparadores de seus profundos processos artísticos. Incorporado naquilo que Nino chama de "esculturas ampliadas", o artista fala e ouve as vozes dos objetos e dos afetos neles amalgamados.

E seguimos para os artistas artesãos que compõem a falange do requinte da espontaneidade e das tradições das técnicas. Família Dumont é a assinatura artística de uma família de seis bordadores ribeirinhos ao Rio São Francisco, em Minas Gerais. A atividade primordial desses artistas é a de ilustradores de livros por meio de desenhos bordados. Em paralelo, a família tem um sólido espaço cultural na cidade onde nasceu, espaço este que trabalha com oficinas que propõem desde uma emancipação artística até uma capacitação para novos mercados de trabalho. Os bordados que os Dumont levam para Kaunas homenageiam Santos Dumont e seus intrépidos sonhos e, embora eu imagine que o visitante europeu possa conversar com esse trabalho tratando-o como datado, a experiência de suas cores e seus materiais haverá de iniciar diálogos. Rômulo Chaves, mineiro de Tiradentes, executa painéis pintados sobre lonas de caminhão, usadas por anos a fio e vendidas para o artista que as dispõe carinhosamente: lava, trata, transforma. O intrigante do trabalho de Rômulo, me parece, é o fato de ser o Celso, seu aconselhador e intermediário nos negócios, aquele que escolhe os motivos que devem cobrir as telas recuperadas: como um mestre de ofícios, Rômulo pinta desde textos e imagens de enciclopédias do século XIX até retratos de indígenas brasileiros, muito debaixo de uma direção que procura tornar essas pinturas, digamos saborosas, para o sempre emergente e ativo mercado da decoração. Os dois próximos artistas a seguir expressam as trombadas que o destino me preparou, quando eu estava em processo de seleção dos trabalhos para a bienal. Como aprendi a valorizar a acidentalidade e a recomposição de fragmentos aleatórios em minha metodologia artística, resolvi transpor essa metodologia para dentro de minha nova função de curador. Cláudio Kupstas é um jovem paulistano de origem lituana que recupera e mantém uma técnica de tear manual que produz fitas e galões para celebrar as festas tradicionais lituanas. Embora treinado no mais regimentar dos modos de tecer, Cláudio transgride e apimenta, com fios metálicos e uma palheta contemporânea, as estreitas faixas que produz, escolhas que de certo tirariam seus mentores da tumba. Na Textile 07 haverá um conjunto de oficinas com estudantes de arte que discutem exatamente a extinção de técnicas manuais lituanas e com especial atenção nesta, a das fitas e dos galões executados em estreitos teares manuais, a mesma técnica que Cláudio preserva e elegantemente perverte. Este evento precipitou a minha decisão em selar a participação deste lituano-paulistano no grupo de artistas brasileiros. Mas na verdade não só: ainda outros dois motivos sublinharam meu desejo em incluir as faixas do Cláudio. Primeiro para eu mesmo poder, egoisticamente, testemunhar a estranheza do público lituano ao se deparar com esses cadáveres têxteis dentro de uma seleção brasileira (seleção que a *priori*, e dentro do cânone-clichê das expectativas comuns, deveria incorporar, em primeira instância, o sexy-sublime e o exótico), segundo, porque o trabalho do Cláudio evoca a potência antropofágica da cultura brasileira, um caldeirão no qual as carnes estão de fato (se) cozinhando e (se) processando, em contraste com outras tantas culturas que perderam de vista o sabor inigualável do paio ou da lingüiça de suas próprias terras, carnes escondidas em receitas ditas mais cultivadas e civilizadas. Margarida Leda Kanciukaitis Pandolfo é bordadeira e mãe dos grafiteiros paulistanos Gustavo e Otávio Pandolfo, que assinam artisticamente como osgemeos. Margarida reproduz há alguns poucos anos o desenho dos rapazes sobre a juta, fazendo-o com um gancho edipiano de quem diz ser ela a que detinha o arcabouço artístico da família, mesmo antes que as crianças existissem, mas que com as obrigações de mãe, blablabla... ela não teria podido emancipar o seu lado interior antes.

Bichos e Órfãs
Coleção de Gerardo Vilaseca
Cortesia Vita Geluniéne





Quando procurei conhecer o trabalho de Margarida, a referência da cidade de Kaunas foi um estopim para uma avalanche de situações que se seguiram, tudo porque o pai de Margarida era originariamente desta cidade, Kaunas, exatamente onde nossa bienal acontece. E o destino, com seus contornos esquisitos, fez com que tanto a Margarida quanto os garotos exponham na seleção da Textile 07 e, estes gêmeos – megaastros do grafite internacional – tivessem sido comissionados pela prefeitura de Kaunas para realizar uma pintura mural lá na cidade do avô, o falecido senhorzinho, ele mesmo um produtor gráfico por profissão que de lá imigrou. Beleza.

E coroando a "delegação brasileira" desta bienal, criei um núcleo histórico que procura honrar a passagem na terra das figuras artísticas de Hélio Oiticica, Arthur Bispo do Rosário e Leonilson. Embora a direção da bienal não tivesse interessada em apresentar obras de artistas falecidos, ela tomou como bem-vinda minha argumentação de que seria injusto para o público lituano, entrando possivelmente pela primeira vez em contato com obras brasileiras de expressão têxtil, não conviver ao menos brevemente com esses três artistas. Kátia Maciel constrói com sobriedade um vídeo sobre Hélio Oiticica, conduzindo o espectador pelas expressões plurais e versáteis do trabalho desse artista. Dois vídeos falam sobre Arthur Bispo do Rosário. O primeiro é o de Hugo Denizart com seu testemunho cortante e honrado, em que temos a oportunidade única de ver o artista Bispo em pessoa comentando o seu processo de trabalho em seu quarto/instalação, antes que fosse pilhado pelos agentes culturais contemporâneos e seus projetos de preservação. O segundo vídeo é o de Helena Martinho da Rocha, que, com Miguel Przewodowski, construiu uma sarabanda poética, trazendo luz ao universo sentimental e fantasioso de Arthur. Por último será apresentado o vídeo de Karen Harley no qual José Leonilson discorre sobre o fractal que sua vida íntima carregava, vídeo baseado em tapes gravados que serviram de diário para os artistas, diário com assuntos, poesias e apreensões que Karen edita de forma bela e carinhosa. E, para potencializar o espaço expositivo desses vídeos-de-autor, estará disposta uma coleção singular de bonecas e bichos, que Gerardo Vilaseca gentilmente emprestou para a bienal. Gerardo é arquiteto, colecionador e montador exímio de exposições, um verdadeiro gentleman das artes que há entre nós. As bonecas e os bichos de Hilda e de Maria José, que se poderia pensar tão-somente adornam o espaço expositivo, dispõem entretanto da mesma pujança, da irreverência e da sensibilidade visionária que os artistas e os trabalhos retratados nos vídeos estabelecem.

Para concluir esta prosopopéia que narra meu trabalho na Textile 07, quero retornar à idéia da exclusão que uma seleção inclui. Uso deste texto para informar outros nomes de artistas a quem possa se interessar em pesquisar arte têxtil brasileira, artistas com trabalhos exímios e de nítida vizinhança com o têxtil. Procure e conheça os trabalhos de Laura Lima, Ernesto Neto, Leda Catunda, Edith Derdyk, Teresa Salazar, Rosana Palazyan, Maria Nepomuceno e Renato Dib, entre outros, e faça você mesmo a sua eleição.

BIBLIOTECA

PENTEADO, Fernando Marques. *Sheer and shallow*. Lituânia: Kauno Dailininku Paramos Fondas, 2007 (Catálogo)^[1].

Bienal de Arte Têxtil, Textile 07, Lituânia: <http://www.bienale.lt>

Família Dumont: <http://www.matizesbordadosdumont.com>

Felipe Barbosa: <http://www.casatriangulo.com>

Jarbas Lopes: <http://www.agentilcarioca.com.br>

Jorge Fonseca: <http://www.itaucultural.org.br>

Nino Cais: <http://www.espacovirgilio.com.br>

osgêmeos: <http://www.fortesvilaca.com.br/artistas/osgêmeos/index.html>

^[1] O texto deste catálogo está disponível em versão editada e resumida em:
<http://www.bienale.lt/index.php?option=com_content&task=view&id=65&Item=